

SEJAM BEM-VINDOS:
a geração Y recebida no ensino fundamental - Ciclo II

Arthur Faciroli Dinardi SANTOS
Francieli Garcia SILVA
Isabela Cristina Albano INOCÊNCIO
Patrícia de ALMEIDA
Orientadora: Profa. Dra. Sheila Fernandes Pimenta e OLIVEIRA

Resumo: O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre a transição de estudantes, pertencentes à chamada *geração y*, do ensino fundamental, que encerraram seus estudos no 5º ano (4ª série) – ciclo I - e iniciam um novo ciclo em sua vida acadêmica e ingressam no ciclo II do ensino fundamental. A reflexão é feita, por meio da análise da recepção feita pela escola e educadores. A investigação está dividida em duas partes: uma pesquisa teórica, considerando os aspectos envolvidos na referida transição, como concepções de *autonomia*, constituição da *geração y*, propostas do ensino fundamental, ciclo II. Na segunda parte da pesquisa, é realizada uma pesquisa de campo, que buscou entender a visão de professores, alunos e pais envolvidos nessa transição e saber quais são os meios utilizados para tal. A pesquisa teórica foi feita com o intuito de entender se há, realmente, uma preocupação pedagógica para que se manifeste a autonomia por parte das instituições de ensino e dos educadores e quais os meios que podem ser utilizados, por estes, para que se desenvolva a autonomia também nos estudantes. Por isso, empregou-se os conceitos de Freire (2011), Perrenoud (2000), Mello e Silva (1991), e Gadotti e Romão (1997), no que diz respeito à pedagogia, autonomia e funcionamento do Ensino Fundamental ciclo II e a metodologia e os parâmetros que os educadores e escolas devem considerar, ao receberem os alunos provenientes do ciclo I. Também foram utilizados os estudos de Oliveira (2012) e de Carelli (2012) para tratar do assunto da chegada da *geração y* a esse novo ciclo, trazendo consigo toda a bagagem tecnológica, a qual deve ser considerada como parte integrante de tal geração, que por sua vez tem papel fundamental na prática pedagógica dos educadores encarregados destes estudantes, criando a necessidade de sua adaptação e atualização. Além disso, foi feita também uma pesquisa em três escolas que têm salas de 6º ano (5ª série) e foi entregue um questionário a estudantes, aos pais destes e a educadores, a fim de compreender a visão de todos em relação a essa importante passagem de ciclo e quais são os métodos utilizados e que poderiam ocorrer, além do enfoque na *geração y* e sua utilização da tecnologia, tudo para entender como seria possível tornar essa transição mais tranquila para esses estudantes.

Palavras-chave: autonomia; geração Y; transição ciclo I para o ciclo II.

Abstract: The main aim of this work is to reflect about the transition of students, who belong to the so called *generation y*, from basic education that finished their studies in fifth grade - first stage - and start a new cycle in their academic life and enter basic education in the second

stage. The reflection is made through the analysis of the reception done by schools and educators. The work is divided in two parts: a theoretical research, considering the matters involving this one transition, such as conceptions of *autonomy*, the nature of *generation y*, proposals of basic education, second stage. On the second part, a field research was made with the purpose of understanding the view of teachers, parents and students who are involved in this transition and also to know which methods are used for this. The theoretical research was made with the intention to understand if there really is a pedagogical concern regarding the manifestation of autonomy by educational institutions and teachers and what means can be used, by these, thus students can also acquire this autonomy. For that, the concepts of Freire (2011), Perrenoud (2000), Mello e Silva (1991), and Gadotti e Romão (1997), were used regarding pedagogy, autonomy and operation of Basic Education second stage and the methodology and parameters that educators and schools must consider, when receiving students from first stage. Also, the studies of Oliveira (2012) and Carelli (2012) were used to treat the topic of the arrival of the *generation y* to this new stage, bringing with them all the technological baggage, which must be considered as part of this generation and also has a fundamental role in the pedagogical practice of teachers who are in charge of these students, creating a necessity for adaptation and update. Besides that, a research was made in three schools where there are classes of the sixth grade and a questionnaire was given to students, their parents and teachers for the purpose of comprehending the view of all of them in relation to this important passage, from one stage to another, and what methods are used and could be, besides the focus on *generation y* and their usage of technology, all so that we can understand how to make this transition easier to these students.

Key-words: autonomy; generation Y; transition from first stage to second stage.

Introdução

Observando que, atualmente, os jovens possuem características marcantes e distintas de tempos atrás, e que a tecnologia se tornou uma ferramenta indispensável em seu cotidiano, constatamos que havia necessidade de pontuar a passagem do jovem para o Ensino Fundamental, ciclo II, etapa em que este, passa significativa parte de sua vida escolar e momentos em que existem os maiores relatos de conflito entre estudantes e educadores.

Nosso objetivo principal é apontar, através de uma pesquisa de campo, a importância da recepção dos alunos para uma nova fase da vida escolar: o Ensino Fundamental ciclo II. Buscamos analisar a fala de estudantes, educadores e pais, com foco

nesta recepção, expectativas dos indivíduos, dificuldades encontradas e sugestões para a melhoria do processo.

Buscamos com os fundamentos teóricos, dar suporte a nossa pesquisa e nos orientar pelos melhores caminhos. Procuramos trabalhar com especialistas de diferentes áreas ligadas a educação e com teóricos que baseiam seus estudos na evolução das gerações, nos ciclos de aprendizagem do indivíduo e nos jovens da *geração y*.

Começamos a discorrer sobre a questão da autonomia nas escolas, e nos educadores, e vimos que estes devem ter atenção à realidade de sua docência, ensinando de forma contextualizada, pois, o educador tem uma importância enorme no desenvolvimento do educando considerando o seu conhecimento de mundo.

Em um segundo plano, apresentamos as fases e o funcionamento do Ensino Fundamental, trabalhamos com os ciclos de aprendizagem do indivíduo e com as passagens das gerações, até chegarmos na geração Y, foco do nosso estudo, por se tratar de uma geração atual e que causa tantas especulações sobre a sua existência.

Para a comprovação do nosso estudo, foi feita uma pesquisa de campo com estudantes, professores e pais de alunos regularmente matriculados no 6º ano do ensino fundamental de escolas pública de Franca e Batatais¹, o qual o objetivo é analisar se as escolas se preocupam como despertar de autonomia dos professores e estudantes. Analisamos desde a chegada dos estudantes a este novo ciclo, o significado da escola, os métodos utilizados e se as escolas atendem as necessidades de seus alunos e professores até os possíveis fatores de desmotivação dos alunos.

1 Paulo Freire e o despertar da autonomia

1.1 A educação contemporânea e as questões de autonomia

Com a tecnologia tomando conta das maneiras de se comunicar, bem como forma de globalização, a Educação não poderia ficar fora desta evolução, e este vem sendo um grande desafio nos tempos atuais.

E quando não existem condições favoráveis à escola, ao educador e ao educando, há um prejuízo a todos, impedidos de realizar atividades propostas. Os resultados indesejados aparecem devido a condições da escola e do contexto em que ela está inserida.

A escola não atende às expectativas dos alunos, causando o desrespeito aos alunos e ao educando. Devido à carga horária de trabalho de professores, há, como

consequência, aulas mal preparadas, a remuneração nem sempre está de acordo com as horas trabalhadas e o cansaço. O ambiente escolar apresenta-se sem estrutura e não há o material necessário para as aulas, o que resulta em um processo de ensino-aprendizagem defasado.

O condicionante material está relacionado às condições reais de trabalho para a consecução dos objetivos educacionais de forma eficiente, que se apresentam e se desenvolvem na escola pública. Aqui, podemos elencar uma série de problemas apresentados pela escola, como, por exemplo, a deterioração do prédio escolar, a falta substancial de equipamentos e recursos pedagógicos, salas de aula superlotadas, professores com carga horária de 60 horas, lecionando em diferentes escolas e salário do magistério aviltado. Se bem que a relação democrática e a participação dos sujeitos na gestão escolar não acontecem como decorrência direta de uma boa condição de trabalho; igualmente, a péssima condição material pode corroborar para o não surgimento dessa participação e, outrossim, de um bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem (SANTOS, 2012, online).

O trabalho do professor está proporcionalmente relacionado às suas condições. Todos estes problemas acabam por diminuir e até mesmo afetar a sua vontade. Claro que esses fatores por si só, não são únicos, mas já são de grande importância no desenvolvimento da pedagogia do professor.

“Se a escola ministra um ensino que aparentemente não é mais útil para uso externo, corre um risco de desqualificação. Então, como vocês querem que as crianças tenham confiança nela?” (PERRENOUD, 2000, p.123).

O aluno é a fonte geradora de todo o processo de renovação da escola em relação à tecnologia, por isto, faz-se importante entender o contexto em que o aluno vive, para aplicar a tecnologia a favor do aprendizado. “As crianças nascem em uma cultura em que se clica, e o dever dos professores é inserir-se no universo de seus alunos”, afirma Perrenoud (2000, p. 125).

As duas citações de Perrenoud (2000) são sínteses da escola moderna, deve-se trabalhar o conceito de competência e habilidade, na qual o professor tem que caminhar conforme o contexto real, pois um professor que deixa de acompanhar a realidade fica para trás tornando-se um profissional de informações científicas ultrapassadas e de conhecimento limitado.

É necessário entender o aluno, sua cultura – uma cultura de modernização, de redes sociais, do uso contínuo dos recursos do computador e de *tablets* – e associar estes métodos cotidianos dentro do ambiente escolar, para que, em harmonia, produzam um tipo de ensino no qual os alunos acreditem e do qual façam uso em todos os termos da sua vida.

A aprendizagem deve aceitar o novo, não podendo negá-lo e nem ser deixar de aceitá-lo, pelo fato de ser novo e deixar de lado o velho só por causa do tempo, afirma Freire (2011).

A escola e os educadores devem aceitar o novo, mesmo que para alguns seja complicado se adaptar ao novo. Mas não se deve trabalhar somente o novo e esquecer o velho, simplesmente por causa do tempo. Deve-se trabalhar ambos para o ensino-aprendizagem.

Para Gadotti e Romão, também se deve aceitar o novo. Afirmam que escola autônoma é que vai em busca, sendo dentro ou fora para instituir o novo:

A eficácia dessa luta depende muito da ousadia da cada escola em experimentar o novo e não apenas pensá-lo. Mas, para isso, é preciso percorrer um longo caminho de construção da confiança na escola, na capacidade de ela resolver seus problemas por ela mesma e de autogovernar-se (1997, p. 47).

A escola deve conduzir o processo para obter o novo e ter autonomia, e não deixar apenas no papel e no pensamento.

Freire postula que o professor e a escola devem se desenvolver conforme o mundo, a realidade em que o educando pertence, participando de maneira ativa e não apenas observando:

[...] Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela... Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas *constatando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade [...] (2011, p. 75).

O educador ainda afirma que não podemos ficar parados diante de novos saberes, apenas observando, sem nos interessarmos pelos novos saberes e simplesmente aceitar e adaptarmos. O processo vai muito além, devemos participar destes novos saberes por vontade própria, mesmo que seja uma tarefa complicada.

Conforme Azanha (2012, online), se não há autonomia, não se pode falar da ética do professor e nem da escola. Quando não há essa liberdade, de decidir, de intervir e até de escolher, o professor entenderá como uma obrigação, tendo uma sensação incompatível com o seu fazer.

Cada professor e cada escola têm o direito de escolher o que será melhor para o ensino e a aprendizagem de seus alunos, tendo a liberdade de escolher e trabalhar, de acordo com as suas necessidades.

Para Meirieu (apud PERRENOUD, 2000, p.33), da “dependência à autonomia, está repleto de ambivalências e incertezas.” E essa ambivalência é abordada no ponto em que, para o professor, é uma tarefa complicada renunciar ao seu poder, ao mesmo tempo, o aluno também tem a dificuldade em deixar de lado seu status de criança ignorante e utilizar desta liberdade.

Para Mello e Silva (1991), a escola deve ter autonomia própria e escolher uma proposta de trabalho para desenvolver, conforme as suas possibilidades e as alternativas existentes, qualificando seus educadores para execução desta atividade, pois o resultado será responsabilidade da gestão pedagógica que a escola escolher. Muitas vezes, a escola não tem os recursos necessários para que ocorra esta autonomia, gerando assim um resultado negativo.

Mas quando não há autonomia na escola, os professores veem as atividades e tarefas como uma obrigação, sendo vistas por como uma “opressão”, deixando de ser prazerosas e produtivas.

Na perspectiva de Azanha, a função de autonomia não somente responsabilidade do professor é:

O fundamental é que a autonomia de nossas escolas públicas esteja impregnada de um ideal pedagógico que constitua a base de uma tarefa educativa, cuja excelência há de ser medida pela sua capacidade de instalar uma autêntica convivência democrática, e, por isso mesmo, de formar homens críticos, livres e criativos até mesmo a partir de condições sociais, políticas e econômicas adversas. Por isso, é preciso não perder de vista que a busca da autonomia da escola não se alcança com mera definição de uma nova ordenação administrativa, mas essencialmente, pela explicitação de um ideal de educação que permita uma nova e democrática ordenação pedagógica das relações escolares (apud SILVA, 1998, p. 64).

Para que a escola garanta sua autonomia, é necessário que ela forme uma equipe que busque não apenas administrar a escola, mas também administrar em conjunto, buscando o bem de todos. Com um ensino bom e integral, a escola consegue agir e caminhar, de acordo com suas próprias regras, utilizando do regimento que orienta as escolas sem conteúdo.

Há autonomia relativa para as escolas:

O discurso da autonomia da escola colide frontalmente com a instituição do regimento comum [único para todas as escolas da rede]. Não porque a autonomia escolar tenha no regimento próprio a sua única expressão legítima, mas porque o regimento comum exonera a escola de refletir sobre a sua própria organização. E, assim, exonerada dessa obrigação fundamental, a própria escola, pela força da inércia, se autolibera de buscar, nos vazios do regimento comum, as oportunidades de iniciativas e de inovações que lhe restaram (BORGES apud SILVA, 1998, p. 113).

Por mais que as escolas busquem autonomia, seguem um regimento comum, o que acaba por comprometer o processo, gerando um contexto essencialmente ideológico.

Portanto, para Silva (1998), a escola autônoma é aquela que trabalha com coletivo, que são “pessoas que possuem uma identidade comum”, é democrática e pluralista, trabalha com seu próprio projeto, de acordo com os seus educandos. E a realidade humana do seu povo.

1.2 O educador e o despertar da autonomia

No que diz respeito à pedagogia da autonomia, é imprescindível que se leve em consideração os estudos de Paulo Freire, e exatamente em seu livro *A Pedagogia da Autonomia*. O educador inicia o primeiro capítulo com o título “Não há docência sem discência”. Partimos, portanto, dessa premissa para discorrermos sobre a necessidade da abordagem da autonomia por parte dos educadores.

Para reforçar essa ideia, Freire afirma que:

É preciso [...] que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se com sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2012, online).

O educador, portanto, deve se atentar para a ideia de que não há ensino sem que haja um sujeito para ser formado, no caso, um sujeito para aprender.

De maneira que seja melhor exemplificado o conteúdo supracitado, pode-se analisar o verbo *ensinar* do ponto de vista gramatical, que o destaca como verbo transitivo-relativo, o qual necessita de um objeto direto e um indireto, indicando que alguma coisa é ensinada a alguém. O educador, então, deve levar isso em consideração, de maneira que crie uma curiosidade crescente no estudante para que este se torne mais criador e exerça, de maneira crítica, a capacidade de aprender, para que então seja construído o que é chamado por Paulo Freire (2012) de “curiosidade epistemológica”.

É premissa para a criação de educandos curiosos e indagadores que aquele que ensina tenha experiência de produção de saberes que não podem simplesmente ser transferidos aos estudantes, é portanto, necessário que o professor não somente ensine o conteúdo, mas ensine o educando a pensar. Deve-se evitar ser um educador que contempla a

memorização, que lê vários livros apenas para recitar o que neles está escrito como uma verdade que não tem relação necessária com o mundo, não conectado aos fatos corriqueiros.

O professor deve ajudar o estudante em seu caminho de curiosidade a superar aquela conhecida como curiosidade ingênua ou senso comum, assim como pensar certo, em seu processo de aprendizagem. Porém, tal superação deve ser feita respeitando essa curiosidade para que ela se desenvolva junto com o processo de criação do estudante. O educador deve respeitar a consciência crítica do estudante, para que haja essa passagem da ingenuidade para a curiosidade epistemológica.

Além desse incentivo à criticidade e à curiosidade, o educador deve procurar não somente respeitar o estudante, como aproveitar o local de onde este vem, a sua classe social, etc. para ensinar. O educador, portanto, deve procurar um ensino contextualizado, tendo atenção àquilo que o educando vive para que este se interesse e entenda através de exemplos práticos aquilo que lhe é ensinado. Freire faz as seguintes indagações:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes das áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? (2012, online).

A resposta para todas essas indagações, muito provavelmente, serão as mesmas para diversos indivíduos, de que a escola deve apenas ensinar os conteúdos necessários, transferir conhecimento e não desenvolver um indivíduo como um todo e transformá-lo em um ser crítico e conhecedor do que o cerca.

Deve haver, por parte do educador, principalmente, a aceitação da novidade, da inovação e o desapego àquilo que é ultrapassado, não necessariamente sendo descartado tudo que é velho. No que concerne à educação atual, há mudanças todo o tempo e a atualização, por parte dos indivíduos, deve existir. Freire diz que:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo (2012, online).

Para que seja possível trabalhar toda a estrutura que envolve a impregnação da política de não transferir conhecimento, mas ensinar e ensinar a pensar, é necessário que o docente, como ser humano, compreenda que é um ser inacabado. Há o inacabamento onde há

vida, porém somente existe a consciência deste por parte dos homens e mulheres. E a invenção da existência tem pressupõe vários fatores, como linguagem, cultura, comunicação de maneira mais complexa e profunda etc. Através disso, o ser humano é capaz de coisas grandiosas, de relatos históricos e monumentais, porém também é capaz de atos catastróficos e atormentadores, pois assim como é dito por Freire (2012, online) “Só os seres que se tornam éticos podem romper com a ética. Não se sabe de tigres africanos que tenham jogado bombas altamente destruidoras em cidades de tigres asiáticos”.

A partir desse ponto, já não foi mais possível aos homens e mulheres, existir sem atenção e distinção entre fatores como bem e mal, certo e errado, decência e despudor etc. Existir já implica agir e fazer. Dessa maneira, somos levados à prática formadora, de natureza obviamente ética. E por serem seres de decisão e de ação, os homens e mulheres são capazes de trair essa ética. No âmbito de um educador, um professor, por exemplo, da disciplina de História que limita a curiosidade do estudante, a fim de ampliar a capacidade de decorar informações, limita a liberdade do estudante.

Necessariamente, devido à consciência desta inconclusão, deste inacabamento, insere o sujeito inacabado em um processo social de busca. Nos homens e mulheres, essa busca, completa por curiosidade, vai além daquilo que lhes compete em seu domínio vital e se torna fundadora da produção de conhecimento. É portanto, para mulheres e homens, essa consciência do ser inacabado que é e a busca constante que gera conhecimento, torna impossível, estar no mundo simplesmente, porém possível e real que esses homens e mulheres estejam com o mundo:

Estar no mundo sem história, sem por ela ser feito, sem cultura, sem "tratar" sua própria presença no mundo, sem sonhar sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível (FREIRE, 2012, online).

No momento em que entendemos a ética como fator de um ser consciente de sua inconclusão, entendemos que há a necessidade ética de respeitar a autonomia do estudante, seja de sua inquietude, sua estética etc. Nunca podemos acreditar que seja natural o não respeito à ética, de outra maneira, o racismo, machismo etc são transgressões da ética e, portanto, toda e qualquer pessoa que se torne um transgressor dessa ética, através de qualquer que sejam os motivos, deve ser tomada como uma pessoa imoral, e isso coincide quando tratamos de educadores.

O bom senso, para nós, reflete o que vem sendo dito dentro da questão de ética. É o bom senso que vai guiar o professor em certas tarefas dentro da sala de aula, grande parte diz respeito a não transgressão da ética, porém outras vão ser importantes na hora de decidir se uma atitude é autoritária ou se ela cabe na autoridade do professor. Citando Freire:

O exercício do bom senso, com o qual só temos o que ganhar, se faz no “corpo” da curiosidade. Neste sentido, quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso”. Através desse exercício do bom senso, trancedemos o instinto que há em nossa visão do que nos cerca (2012, online).

É necessário que haja o respeito à identidade do aluno, à sua dignidade, à sua formação. É preciso haver respeito quanto ao conjunto de conhecimentos que esse estudante traz consigo. E o respeito ao estudante em si não me permite zombar, ou subestimar, o conhecimento que vem com este para a escola. Ao perceber esse dever que o educador tem do respeito, é interessante que o mesmo faça uma avaliação crítica de sua prática, a qual deve, em algum momento, incluir os estudantes, já que a prática do professor se faz com os alunos e não consigo mesmo.

Uma das principais virtudes à prática é a coerência, pois existe uma tendência, a partir da prática, de diminuir o espaço existente entre o que é dito pelo educador e o que é feito pelo mesmo. Sobre essa questão, Freire indaga:

Como posso continuar falando em meu respeito ao educando se o testemunho que a ele dou é o da irresponsabilidade, o de quem não cumpre o seu dever, o de quem não se prepara ou se organiza para a sua prática, o de quem não luta por seus direitos e não protesta contra as injustiças? (2012, online).

E a prática humana tem caráter formador, e portanto, ético. Deve-se levar em consideração o fato que qualquer tipo de professor deixará uma marca nos estudantes. Assim, o professor deve realizar sua prática em um ambiente preparado, de modo que não haja desrespeito à prática, ao educador e ao educando.

Quanto à prática, ainda, o educar deve conhecer os aspectos que caracterizam a prática e seguir com clareza por ela, tornando-se mais seguro em seu desempenho. O ser humano é o único ser que, social e historicamente, tornou-se hábil a aprender. Por isso, aprender, para nós, vai além da transferência de conhecimentos ou repetição de dados, é uma aventura. E o aprender ocorre enquanto se ensina e ensinar ocorre enquanto se aprende e “daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter

diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais” (FREIRE, 2012, online). De natureza humana, a educação gnosiológica, que envolve emoções muito humanas, exige do professor, competência em diversas áreas, ligados à atividade docente.

Para que se ensine, além dos saberes de um educador, deve-se ter alegria e esperança. De acordo com Freire, a esperança é “uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo” (2012, online).

E é através desse sentimento de esperança que devemos trabalhar com a convicção de que é possível mudar.

A um educador não cabe aceitar a realidade de forma neutra. Este deve buscar, através do seu ensino, mudar a realidade. Um dos principais pontos é a busca de uma postura rebelde de maneira crítica e conseguir passar isso a aqueles que não a têm, respeitando sempre a curiosidade ingênua destes, nunca afirmando sua maneira de pensar como única e superiora.

[...] não posso de maneira alguma, nas minhas relações políticos-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra" (FREIRE, 2012, online).

Ainda sobre a curiosidade, é essencial para o educador que tenha atenção quanto a procedimentos autoritários ou licenciosos, os quais normalmente impedem ou dificultam o desenvolvimento da curiosidade por parte do educando e, posteriormente, do educador. Para Freire, o bom clima pedagógico-democrático

é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como sua liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele. Minha curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro e expô-lo aos demais (2012, online).

E como professor, é preciso saber que a curiosidade que move, que instiga é a que ajuda a aprender ou ensinar. Sem ela, é possível decorar e memorizar, mas se torna impossível o aprendizado real.

Também sobre a prática pedagógica, é necessário saber como lidar com a relação autoridade-liberdade, a fim de não criar confusão enquanto ao autoritarismo e a licenciosidade, pois ambos inibem a curiosidade do educando e do educador. Devemos entender que a autoridade e a liberdade podem existir, porém quando elevadas vão quebrar

com a liberdade, caso do autoritarismo, ou simplesmente criarem um ambiente em que não haja autoridade por parte do professor, caso da licenciosidade.

A autoridade do professor, a que lhe cabe, somente será exercida quando houver competência por parte do mesmo, quando este estudar, estiver preparado e tiver levado a sério sua formação pedagógica. Não necessariamente o professor competente deixará de ser autoritário, porém não há, simplesmente, como o educador não preparado, sem competência em sua área, exercer a autoridade necessária em sala de aula.

O educador, também, deve buscar, enquanto leciona, aproximar ao máximo o que ele parece ser para os estudantes daquilo que ele realmente é. O comprometimento enquanto professor é imprescindível. Ao ser indagado de algo que não sabe, é impensável que o educador invente uma resposta ou simplesmente palpite sem que saiba o que realmente responder. Este deve, então, aceitar sua ignorância pelo assunto, buscar supri-la de novo conhecimento sem ferir, de maneira alguma, a curiosidade que leva o aluno a perguntar.

É importante que sempre esteja na mente do professor o fato de que ele não passará despercebido pelo aluno. Não há motivo para discriminar o aluno. Deve haver, todavia, uma avaliação do professor, através das atitudes, falas e indagações dos estudantes, de como se faz sua prática, de como o professor é visto pelos alunos, qual é, necessariamente, a marca que ele deixará ali.

Parte essencial da prática pedagógica deve ser a coerência, que norteia um professor, por exemplo, democrático, a não agir de forma contraditória quanto à sua prática, através de atitudes como racismo. Entender isso é também, entender que a educação nunca é neutra, caso contrário passa apenas a ser, como já discorrido anteriormente, transmissão de conhecimentos.

A educação é, então, uma maneira de intervir no mundo. Para que esta fosse neutra, seria necessário que as pessoas concordassem entre si em relação aos modos de vida social e individual, às aplicações políticas e aos valores em si. Partindo então do ponto de que a educação não é neutra, o professor ou professora deve entender que, mesmo a educação não sendo a chave para todas as mudanças, é fundamental para algumas. Nas palavras de Freire (2012, online) “Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante”.

Escutar é um processo relevante para que o professor não tenha um discurso autoritário e para que este possa aguçar a curiosidade dos alunos. Isso não significa que o professor deixe sempre de falar para escutar, na realidade. O educador tem o dever de falar, de uma maneira a desafiar quem escuta para que este possa responder, indagar e falar. O

professor, então, deve saber escutar o educando e assim se situar de maneira mais eficaz no plano das ideias, podendo expor opinião contrária de desenvolver seu discurso, sem autoritarismo, pois quem escuta se dá o direito de expor sua opinião.

Deve-se entender também que o fato do educador escutar não significa abandonar suas ideias, pois isso não seria escuta, mas sim autoanulação, como define Freire (2012, online). Ainda assim, um dos pontos mais importantes no que diz respeito a escutar é o respeito que tem quem escuta por quem fala. Em um caso onde não há respeito, não há aceitação daquilo que é dito e, portanto, não há uma troca de ideias, mas simplesmente uma sobreposição delas.

Não se pode separar a educação de seu caráter ideológico, porém é necessário que, ao ensinar, o educador tenha atenção para que essas ideologias não sejam limitadoras, racistas ou de ideias distorcidas. É necessário que o professor guie os alunos para que esses entendam como essas ideologias limitam e inibem a liberdade e trabalhem sua autonomia de maneira a evitá-las ou aproveitá-las de maneira consciente.

Para que o educador, então, possa incitar e desenvolver essa autonomia em seus estudantes, deve levar em consideração diversos fatores, sendo muito importante entender a ética, que é característica humana e o inacabamento do ser humano. O educador deve saber escutar, deve incentivar essa curiosidade epistemológica de seus alunos, mas, acima de tudo, agir na ética e respeitar cada indivíduo a quem ensina.

2 Reflexões sobre o ensino fundamental – Ciclo II

2.1 O ensino fundamental - Ciclo II

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* de terceiro e quarto ciclos, do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa, de 1998, documento criado para o desenvolvimento de cidadãos mais críticos, trabalho feito baseado nas diversidades da sociedade brasileira. É documento com regimento comum para atender as necessidades das escolas e fazer com que sejam semelhantes em seus projetos e progressos:

Uma rica interação dialógica na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos. Mas, se o que se busca é que o aluno seja um usuário competente da linguagem no exercício da cidadania, crer que essa interação dialógica que ocorre durante as aulas dê conta das múltiplas exigências que os gêneros do oral colocam, principalmente em instâncias públicas, é um engano. Ainda que o espaço da sala de aula não seja um espaço

privado, é um espaço público diferenciado: não implica, necessariamente, a interação com interlocutores que possam não compartilhar as mesmas referências (valores, conhecimento de mundo).

No entanto, nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola .a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões[...] (PCN, 1998, p. 24 - 25)

O professor é o mediador para a aprendizagem efetiva, ele é quem vai planejar, apoiar, auxiliar, instruir nas atividades didáticas, de acordo com as necessidades e as possibilidades de aprendizagem de seus alunos (PCN, 1998)

Primeiramente, apresentamos uma reflexão do que é o ciclo II e o que devidamente é esta fase, na vida escolar dos alunos de ensino fundamental.

Essa nova ótica de pensar as atividades escolares foi mais claramente explicitada nas experiências educacionais formuladas pelo Partido dos Trabalhadores em alguns municípios de capitais ou de grande porte. Nesse sentido as prefeituras de São Paulo e de Belo Horizonte ensaiaram, no início da década, mudanças de caráter mais radical no ensino de 1º grau, que terminaram tendo repercussões amplas no âmbito nacional. Seu currículo foi repensado a partir de princípios ordenadores, que não as disciplinas escolares, objetivando a construção de uma escola de corte popular e democrático. Pretendia-se que a integração dos conteúdos fosse feita com base nas experiências sócio-culturais dos alunos e as séries foram substituídas por ciclos, que abrangiam todo o ensino fundamental, em busca de um novo modo de operar da escola, capaz de romper a lógica da exclusão social e cultural dos alunos. Calçadas no trabalho coletivo, as propostas demandavam que os docentes dela se apropriassem, participando ativamente da sua própria construção e implementação (BARRETO; MITRULIS, 2012, online).

Essa nova forma de ensino que foi segmentada através de ciclos foi criada como forma de melhorar o aprendizado e o conhecimento dos alunos. Com isso, os professores poderão ter conhecimento do que os seus alunos já aprenderam nos ciclos anteriores.

Nos dias atuais, a situação está muito diferente, o ensino muito mais defasado devido à demanda de muitos professores, sendo que, nem todos possuem uma especialização para cada área do ensino. Isso porque o governo disponibilizou para a população como uma forma segura e estável oportunidade de emprego.

Como diz Mello e Silva (1991), o crescimento, na quantidade e diversidade de profissionais, não foi acompanhado por esforços correspondentes na direção de integrar o trabalho pedagógico e de formular novas formas de organização do ensino em relação a conteúdos e recursos didáticos, que pudessem instrumentalizar a instituição escola – não os profissionais segmentados – para o desafio de administrar o processo de transmissão – apropriação de conhecimentos, envolvendo professores e crianças dos setores populares.

No Brasil, esse fator é agravado também pelo fato de que crescia o número de profissionais de apoio. Foram sendo criados os cursos de curta duração, ou seja, desvalorizando os que são encarregados do ensino *lato sensu*, ou seja, a graduação específica para a formação de professores.

A escola precisa atualizar o seu pensar e reformular suas ações para suprir o que a comunidade escolar, composta por alunos, pais, professores, equipe pedagógica, direção e funcionários, espera dela enquanto instituição de ensino e função social. Deparamos-nos frequentemente com inúmeras instituições, tentando descrever e traçar as fraquezas da escola. No entanto, nós educadores, nos reservamos muitas vezes a apenas ouvir sem definir “publicamente” nossas vontades, interesses, expectativas e preocupações.

Tem-se permitido que diferentes profissionais interfiram no processo de direção da escola, porém, entendemos ser necessário aos profissionais da educação assumir esse espaço de afirmação e responsabilidade. Trazer a público, o que de fato é a escola e a que ela se propõe já que é necessário reformular sua ação definindo prioridades frente às diferentes exigências do contexto social em que ela está inserida.

A questão da melhoria da escola envolve uma grande parte da sociedade que não está inserida neste contexto escolar, para que haja um pensamento mais positivo e assim, gerar ações de melhoria das escolas, deve-se dar mais atenção a quem está totalmente presente no dia a dia da vida escolar, ou seja, seriam as vozes da sociedade como os pais e alunos e, principalmente dos professores, que estão ligados diretamente a este contexto.

Para que essa melhoria seja efetiva, deve-se dar atenção não somente a escola em si, mas também aos professores, pois a formação dos educadores é essencial na educação. Professores bem qualificados e bem capacitados para fazer seus trabalhos estarão dispostos a passar todos seus conhecimentos para seus educandos e assim, ajudando-os a se descobrirem diante da sociedade. Portanto, a escola necessária é aquela que investe em seus professores, valorizado e ajudando em sua capacitação profissional, pois com isso traremos não só professores qualificados, como também alunos mais interessados.

A educação é importante para que construa uma sociedade mais democrática, e para que isso seja firmado, a reforma da educação deve andar juntamente com a reforma da sociedade. É necessário que haja nas escolas um novo pensamento, diante dos avanços que ocorrem de geração em geração, fazendo cada dia mais alunos mais interessados e mais presentes o meio escolar.

De acordo com o PCN (1998), o papel do ensino fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo

milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, onde progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. Tal demanda impõe uma revisão dos currículos, que orientam o trabalho cotidianamente realizado pelos professores e especialistas em educação do nosso país.

2 A classificação das gerações e suas terminologias

Neste parte, tratamos do processo de classificação das gerações, de forma breve, ao longo dos tempos e especialmente da geração “Y” que é foco de nosso trabalho, bem como a construção de seu comportamento e sua postura na e perante a escola.

Os avanços tecnológicos e a atual gama de informações sobre todos os assuntos, dos mais corriqueiros aos mais complexos e engajados, são elementos para classificar grupos de pessoas, de acordo com o período de nascimento e dos acontecimentos que os cercam. Para tal classificação, são geralmente utilizadas letras do alfabeto para “catalogar” a geração em questão. Na tentativa de dividir a sociedade em tribos, muitas terminologias foram utilizadas e até mesmo nome de remédios como a geração Rivotril, a geração Prozac, dentre outras as quais não nos atentaremos neste trabalho.

“O uso da expressão *geração* para definir um grupo de contemporâneos de idades semelhantes e comunhão de ideias nasceu com a Revolução Francesa. Quem primeiro usou a acepção foi Thomas Jefferson (1743-1826). Filósofo admirável, Jefferson percebeu a grandiosidade do momento em que Danton, Marat e Robespierre criaram o conceito do *povo*, alçando à condição de protagonista da história gente que antes era só a escumalha, a ralé, a coldra [...]. Em suas cartas aos americanos, Jefferson definiu os revolucionários franceses como a geração responsável pelo movimento que o historiador Alexis de Tocqueville disse ter sido “preparado pelas pessoas mais civilizadas, mas conduzido pelas classes mais bárbaras da nação”. A Revolução Francesa fixou, em Jefferson, a noção dos poderes e obrigações de uma geração. Em uma carta de 1789, enviada a James Madison (que o sucederia na Presidência), Thomas Jefferson levantou uma de suas teses mais refinadas, fundadora de uma rica linhagem de pensamento: uma geração não pode contrair dívidas além daquelas que possam ser pagas em seu próprio tempo, ou seja, um prazo de 34 anos” (CARELLI, 2012, p.104).

Portanto, este termo vem ao longo dos tempos, separando a sociedade pela idade cronológica e mais que isso, hoje em dia pelo volume de acontecimentos históricos em determinados períodos e acima de tudo, aspectos comportamentais coletivos dentro de uma sociedade.

Colocar um grupo de pessoas dentro de uma especificação, pode se tornar um pouco impreciso e distanciado da realidade dos indivíduos, pois podemos dizer que toda generalização é vaga e ainda mais, quando se trata de pessoas que, apesar de possuírem a mesma faixa etária e se identificarem nos gostos, ideias e ideais, são inconstantes nos pensamentos e nas atitudes, ora por acontecimentos externos, ora por acontecimentos internos, ou pelo simples fato, de serem mentes pensantes dentro de um meio.

Foi a partir do século XX, que as gerações se tornaram objeto de estudo acadêmico. O primeiro a tentar formular uma ciência das gerações foi o sociólogo alemão Karl Mannheim em uma série de estudos publicados nos anos 20 e 30. Mannheim defendeu a idéia de que os eventos marcantes de um determinado período tem o mesmo poder de moldar a consciência de um individuo quanto sua cultura ou classe social (CARELLI, 2012 p.105).

No entanto, hoje em dia, podemos observar que os estudos sobre este tema estão intimamente ligados com o mercado de trabalho e com o mercado consumidor, visando buscar a melhor maneira de se interagir com as chamadas gerações e de adequar os produtos para estes consumidores. De acordo com a reportagem da colunista Gabriela Carelli , publicada na revista VEJA, em maio de 2012, traçaremos um breve perfil das gerações ao longo dos tempos:

GERAÇÃO GREATEST: Nascidos entre 1901 e 1924. A origem do termo foi o título de um livro do jornalista americano Tom Brokaw, de 1998. Esta geração tem como características a aversão a riscos e a disciplina pontuada e tem como eventos definidores a 1º Guerra Mundial.

GERAÇÃO SILENCIOSA: Nascidos entre 1925 e 1942, o termo foi criado pela revista *Time*. As características marcantes são o desinteresse pelos grandes temas de seu tempo e diferentemente da geração anterior, são seguidores de regras, como características principais temos a Grande Depressão, a 2º Guerra Mundial e o início da Guerra Fria.

BABY BOOMERS: Nascidos entre 1943 e 1960, termo utilizado pela primeira vez em 1980 no livro: *Grandes Expectativas a América e a geração Baby Boom*, de Landon Jones. Os incertos desta época têm como características marcantes a espiritualidade e seu espírito contestador e liberal. Os eventos que marcam este período são a conquista da Lua e o auge da Guerra Fria.

GERAÇÃO X: Nascidos entre 1961 e 1981, esta terminologia foi cunhada pelo fotógrafo Robert Capa, em 1953 e utilizado quarenta anos depois pelo escritor Douglas Coupland. Desta geração, são os pouco idealistas, competitivos e individualistas, tem como evento marcante da época a queda do muro de Berlim e a propagação da AIDS.

GERAÇÃO Y: Nascidos entre 1982 e 2000. Este termo foi criado pela revista de publicidade *AdvertisingAge*, em 1993, tem como características o engajamento, a esperança, a indecisão, a ansiedade, a agilidade e o multitarefismo; o atentado de 11 de setembro marca esta geração.

3.1 A chegada da *geração Y* na escola

A seguir, apresentamos uma breve introdução sobre os ciclos de aprendizagem dos indivíduos, com o objetivo de contemplar seus interesses, preocupações e buscas no decorrer de sua trajetória, sendo o entendimento desse modelo fundamental para a compreensão das transformações geracionais que observamos atualmente.

O *desenvolvimento* do indivíduo, desde seu nascimento, é conhecido como ciclo¹ e é, nesta etapa, em que ele adquire seus primeiros conhecimentos. No início deste período, ele constrói seus conhecimentos mais primitivos como comer, caminhar, falar e a partir daí, vai aprimorando, descobrindo o que mais lhe agrada, e ampliando seus interesses em adquirir novos conhecimentos.

O ciclo do desenvolvimento pode ser dividido em três fases: a primeira fase, dura cerca de 20 anos, e é nela que o indivíduo constrói sua identidade, a partir de suas vivências com o meio em que está inserido, levando em consideração que, nesta fase, o indivíduo sofre com as expectativas de seu meio sobre suas escolhas, sobre a necessidade de se adequar as regras, de adquirir autonomia e agir de acordo com a sociedade. Segundo Oliveira (2012),

Durante essa fase, o interesse pelo próprio autodesenvolvimento é crescente. Todo o conhecimento é válido, pois é quando o jovem alcança maturidade suficiente para escolher os conhecimentos acadêmicos que irão moldar sua trajetória profissional. Contudo, diante das próprias características do jovem, o que desperta maior interesse são sempre os conhecimentos conquistados pelas suas experiências.

É válido ressaltar que se encontram, nesta fase do ciclo de desenvolvimento os jovens da *geração y* que são foco do nosso estudo.

Na segunda fase, o anseio pela aprendizagem se torna mais específico, com o intuito de aprimorar a escolha que o indivíduo fez, de consolidar seus conhecimentos sobre

um determinado assunto visando intimamente conquistar e manter o estilo de vida que se escolheu.

Finalizando o ciclo 1, do processo de aprendizagem, temos a terceira fase em que o indivíduo tende a diminuir seu interesse pelo aprendizado. [...] Com a experiência, o indivíduo torna-se muito mais seletivo no que pode aprender e em geral busca conhecer apenas aquilo que considera realmente útil ou que acrescente algum valor a sua vida (OLIVEIRA, 2012 p. 57)

O segundo ciclo, que será chamado de *consequências*, está vinculado com o estilo de vida que o indivíduo teve durante seus 20 anos. Em seus primeiros anos, a criança não lida com as consequências de seus atos, as responsabilidades por suas escolhas são transferidas aos seus responsáveis, normalmente os pais, somente a medida em que se desenvolve, as responsabilidades sobre seus atos são transferidas a ela, o que começa a ser observado por volta dos 16 aos 18 anos.

Nesse ciclo em que as preocupações com as consequências são quase nulas, as preocupações com as consequências são assumidas por quem é muito próximo da criança, a quem se atribui a responsabilidade pelo desenvolvimento e pela educação – normalmente os pais. Conforme o indivíduo se desenvolve, ele é submetido a diversas experiências, conhece os seus resultados e aprende a lidar com eles (OLIVEIRA, 2012 p.59).

Após os dois ciclos anteriores, o indivíduo passa pelo *aproveitamento*, ou ciclo 3, ele se torna menos preocupado com a busca por conhecimento, e visa usufruir de tudo o que construiu durante sua vida.

O terceiro ciclo surge durante a plenitude dos ciclos anteriores, ou seja, quando se faz um balanço de todos os esforços realizados para o próprio desenvolvimento, todas as consequências que teve de absorver até essa fase da vida e todos os resultados alcançados (OLIVEIRA, 2012 p. 61).

Ainda seguindo os estudos de Oliveira (2012), O ciclo da vida foi estabelecido considerando a sociedade organizada no final da Segunda Guerra Mundial, durante os “anos dourados”, e busca retratar um momento em que se observa uma estrutura individual coerente em harmonia com a expectativa de vida das pessoas[...].

Para Serrano (2012, online),

A geração Y como é uma geração relativamente nova, ainda não há uma conceituação clara das características desta geração, a não ser pelo fato que nasceram em um mundo que estava se transformando em uma grande rede global. A Internet, emails, redes de relacionamento, recursos digitais, fizeram com que a geração Y fizesse milhares de amigos ao redor do mundo, sem ao menos terem saído da frente de seus computadores. A mobilidade nas comunicações é outra

característica associada ao consumo da Geração Y. Não há acordo entre os estudiosos a respeito da data exata de início e fim desta geração. Alguns voltam alguns anos e ultrapassam os anos 70. Outros dizem que a geração Y se mantém até 2010. O que há em comum, no entanto são os novos hábitos voltados à comunicação e obtenção da informação instantânea.

Observamos que a geração y veio de forma a revolucionar todos os conceitos de vida que a humanidade já estava adaptada. A sociedade teve que aprender a conviver com as principais características pertencentes aos indivíduos dessa geração, como estar sempre conectados, sempre ir à procura de informação fácil e de forma imediata; relacionam-se através de redes sociais e bate papos, dão preferência ao computador e são pessoas multitarefistas, ou seja, querem fazer diversas coisas ao mesmo tempo.

Atualmente, a principal questão é como lidar com essa *geração y* na escola, onde crianças já nascem em contato com a internet, games, celulares de última geração e TV a cabo, onde tudo aquilo que é já era do nosso cotidiano está sendo deixado de lado, e substituído por mais tecnologia.

A grande dificuldade encontrada nas escolas e principalmente pelos professores é trabalhar e entender esses alunos, que não têm paciência para aulas longas e demoradas, que buscam gratificação instantânea, *feedback* contínuo e não lidam bem com promessas futuras.

Calixto (2012, online) estabelece, em sua pesquisa, pontos que ajudam na motivação desses jovens “Y” e para que eles se dediquem aos estudos:

- Voz: a geração Y quer ser ouvida, quer que sua opinião seja respeitada. A pesquisa aponta que 84,9% dos jovens acredita que o poder deve ser coletivo e 84,3% busca um ambiente de estudo e trabalho justo, no qual suas idéias e opiniões sejam ouvidas.
- Participação: Querem fazer parte de algo que tenha significado, algo que tenha impacto sobre as pessoas, o ambiente e a sociedade. A pesquisa aponta que 79,7% dos jovens se considera idealista e sonha com um mundo mais justo e 69,5% se consideram engajados em questões sociais.
- Significado: Os jovens Y se importam com mais coisas do que somente o lado financeiro da vida. Querem que a escola ou empresa sejam responsável socialmente e ambientalmente. No grupo pesquisado, 80,6% dos jovens quer fazer parte de um grupo preocupado com a sociedade e o ambiente.
- Desenvolvimento pessoal: Estão abertos a aprender as ferramentas, tecnologias e competências necessárias para executar suas atividades atuais e para crescer pessoal e profissionalmente: 86,8% acredita no futuro e no seu papel na construção dele; 82,8% acha que lida bem com as mudanças; 86,8% deseja aprender continuamente.
- Reconhecimento: professores não podem esquecer que educar envolve a constante motivação de seus alunos. Neste ponto, a situação se complica.

É válido ressaltar, que ao longo das décadas, os jovens sempre estiveram efetivamente inseridos na mudança de comportamentos sociais no meio em que vivem,

participaram de grandes protestos, reformas políticas, culturais, e historicamente, é esperado deles grandes mudanças, grandes feitos o que para a *geração y*, é muitas vezes, uma expectativa ultrapassada e que não condiz com sua realidade. Estamos considerando, jovens que nasceram durante o surgimento de diversas tecnologias e que cresceram acompanhando e introduzindo-as em suas vivências, por isso, desenvolveram comportamentos intimamente influenciados por este cenário.

Tratamos de jovens que não vivem sem o uso do celular, fazem da internet sua companheira diária e das redes sociais, uma janela para novos horizontes. É impossível dissertar sobre a *geração y* sem mencionar o crescimento global da internet que nos últimos 15 anos, permitiu o acesso de bilhões de pessoas a um conteúdo dinâmico, diversificado, tornou a cultura dos países mais globalizada e simplificada em termos de acesso e conhecimento, os livros, deixaram de ser companheiros na cabeceira da cama de vários jovens para dar lugar aos *notebooks, tablets, iphones, ipads*, dentre outros.

As manifestações a que nos referimos acima, agora não são mais centralizadas a um grupo restrito, estão na rede, interagindo com as ideias e os ideais de milhares de outras pessoas, porém, em sua maioria, no mundo virtual e não nas ruas como as antigas gerações estavam acostumadas. Porém, essa gama de conhecimento, a falta de olhar crítico sobre algumas situações e o compartilhamento de ideias, torna, muitas vezes, as manifestações de hoje, padronizadas, estereotipadas, com certo grau de artificialidade, e frequentemente o próprio comportamento dos jovens na rede pode se classificar assim; é como se apenas um indivíduo pensasse sobre algo e os outros fossem “berrando” a ideia pelos sites e redes sociais sem uma análise concreta sobre o que se fala, ou melhor, o que se escreve.

De acordo com Oliveira (2012, p.38)

A internet é um marco definitivo no comportamento global da sociedade e, certamente, a principal ferramenta na transposição de comportamentos entre os diversos países e culturas.

Os jovens da Geração Y já perceberam isso e são os mais engajados nessa transformação cultural. Por isso temos dificuldade em classificá-los pelos padrões tradicionais e com facilidade os caracterizamos como mutantes ansiosos e inconstantes.

Enfim, o que colocamos neste capítulo, foram considerações que demonstram a evolução das gerações e como o meio em que estamos inseridos contribui para a formação de um indivíduo isolado e de toda uma geração. É fato, que os jovens “y”, os quais tomamos

como foco de nosso estudo, são totalmente distintos de seus antecessores e o que os difere, além da idade, é a facilidade do mundo na palma das mãos.

3 Pesquisa de campo

3.1 Estudantes

O intuito de realizar a nossa pesquisa de campo foi de demonstrar de forma mais objetiva as relatos de educadores que dizem não saber como ensinar essa nova geração, e que temem as próximas que estão por vir. Iremos apontar, como e onde ocorre esta desmotivação dos jovens, e como nós educadores podemos trabalhar e contornar a situação do ensino atual, a partir do acolhimento que ocorre no início do ciclo II do Ensino Fundamental se perde no processo de transição da antiga 4^o série, hoje 5^o ano, para o sexto ano do ensino fundamental, pois, nessa transição escolar, muitos educadores se esquecem de que, além de uma simples mudança de escola, existem mudanças no corpo, na mente e na personalidade dos jovens, que se veem rodeados de informações fáceis e usualmente banais, e ao mesmo tempo, tão perdidos e confusos em relação ao seu futuro.

Propusemos a três escolas diferentes de ensino público que respondessem a um questionário voltado para três pontos diferentes da comunidade escolar, com indagações sobre a passagem dos alunos para o Ensino Fundamental Ciclo II, na atualidade. Esses questionários foram encaminhados para estudantes, pais e educadores, sendo que havia um tipo de questionário diferente para cada um dos públicos, porém, todos seguindo o mesmo contexto.

Para a análise dessas respostas, criamos tópicos específicos para que pudessemos entender mais detalhadamente o que cada pai, aluno e educador, pensa a respeito dessa importante passagem de ciclo e suas implicações; passando pelo conhecimento de mundo dos estudantes, métodos dos professores e participação dos pais. Por isso, considerando as questões de constituição da autonomia e do indivíduo no contexto atual.

Os questionários foram analisados com base nas teorias pesquisadas sobre autonomia na escola e nas pesquisas sobre as gerações, bem como nosso foco que já foi citado anteriormente, a geração Y, que representa os jovens investigados.

Sendo assim, iniciamos as considerações sobre a pesquisa, partindo da fala dos estudantes. Elaboramos quatro perguntas para nove alunos do sexto ano (5^a série) de três escolas públicas diferentes. Partindo da primeira questão, em que perguntamos aos alunos qual é a importância da escola e o seu objetivo para eles; observamos que, seis das respostas,

foram basicamente iguais, todos seguem os mesmo conceitos, como: “- É importante para meu futuro, para ser alguém na vida, adquirir novos conhecimentos, conhecer novos amigos” - e com isso, constatamos que em relação à autonomia nas escolas e o objetivo do próprio ciclo II, os objetivos dos alunos são condizentes, pois eles tem consciência de que a escola é importante e traz novos conhecimentos e com eles podemos ser alguém na vida.

Em seguida, perguntamos aos mesmos alunos como foi a passagem do quinto ano (4ª série) para o sexto ano (5ª série), quais foram suas visões em relação a essa nova realidade, um novo ambiente de estudo com uma nova perspectiva diferente de ensino, tanto na forma de ensino/aprendizagem, quanto na forma estrutura escolar, e quais foram suas reações nesta nova realidade. E assim, pedimos a eles que descrevessem um pouco sobre essa nova experiência de vida.

Em relação a esta questão apresentada, de mudança, podemos evidenciar nas respostas dos alunos, a perspectiva de Calixto quando diz que os indivíduos da geração Y querem fazer algo que seja significativo, querem que suas opiniões sejam válidas e que eles querem sentir-se independentes. Isso iguala a cinco das respostas dos alunos, um exemplo, está na fala dos alunos quando dizem que a passagem foi muito boa, pois se sentiram mais independentes diante de um novo desafio, que saíram de uma rotina onde estavam acostumados com um mesmo professor e depois se depararam com um professor para cada disciplina, com conteúdos diversificados, mais responsabilidades e isso é interpretado, por eles, como um desafio. Porém, o que nos chamou a atenção, foi o relato de um aluno que diz: Não foi bom, porque eu fui para a 5ª série sem estar preparado. O que exemplifica o ponto em que discorremos que apesar da inquietação e da facilidade de se relacionar com o meio tecnológico, os jovens y são inseguros e inconstantes, e cabe aos educadores perceber os desníveis desta fase, no ambiente escolar, para procurar amenizar as falhas vindas de um ciclo anterior, e adequar a didática aos alunos que apresentam alguma dificuldade.

Em relação à terceira questão, perguntamos aos alunos, como eles se sentiram na recepção dessa nova etapa, e oito alunos relataram que foram muito bem recepcionados, que o ambiente escolar é um lugar agradável, os professores são bem legais, alguns muito exigentes, fizeram muitos amigos, enfim, todos os alunos em que colaboraram com a nossa pesquisa mostraram bastante interesse em relação a essas mudanças e que, de acordo com a nossa análise, já era esperado pois, esses jovens da geração Y apresentam essas características de entusiasmo e expectativas. Porém, para que essa recepção fosse feita de forma agradável ao aluno, seria necessário fazer de maneira que, não frustrasse suas expectativas, pois essa geração está acostumada a querer tudo ao seu tempo, e por isso, perdem o entusiasmo

rapidamente, e uma recepção mal estruturada pode significar a desmotivação do jovem e, para que isso não ocorra, é necessário que a escola acompanhe o procedimento de evolução das gerações.

Finalmente, colocamos em discussão a última questão feita para os alunos, na qual perguntamos se o ensino atual supre as suas expectativas no que diz respeito às escolas, quanto aos métodos de ensino e aos educadores e sobre a didática trabalhada em sala de aula. Observamos que, em todos os casos, os alunos dizem gostar dos métodos de ensino empregados e afirmam suprir suas expectativas. Porém, estes mesmos alunos criticam a falta do uso de tecnologia na sala de aula, o que podemos comprovar nesta fala: “[...] o que eu acho de ruim é que ainda não fomos na sala de informática [...]”, o que evidencia os estudos de Oliveira (2012) que relata a necessidade destes jovens de conviver com a tecnologia, o que nas escolas ainda é muito falho.

Relatamos também que, para quatro alunos, o ensino atual não conseguiu suprir a expectativa em relação à nova fase e ao chegar nela, o próprio ensino, ou até mesmo a escola, os professores não souberam trabalhar e acompanhar essa empolgação, e a isso, atribuímos o atual fenômeno da “hiperatividade” dos alunos na escola. Consideramos que é, neste ponto, que surgem as dificuldades de lidar com a geração Y nas escolas, pois a presença da tecnologia e dos avanços são tão presentes em suas vidas, que o educador e a escola não entendem esses novos alunos, que querem realizar atividades rápidas, buscar gratificações pelo que fazem e são totalmente mutáveis em tudo que realizam.

4.2 Pais

Para os cinco pais que, responderam ao questionário, o significado da escola na vida de seu filho esta na busca de novos conhecimentos, que a escola proporcione expectativas importantes quanto o preparo para a vida pessoal, quanto profissional e que a escola tenha papel fundamental para a carreira profissional de seu filho. Para um pai, a escola para o seu filho é insignificante, é vista por ele apenas como um passatempo, um lugar apenas para encontrar seus amigos. “Atualmente vejo que minha filha vê a escola como um passa tempo, um lugar para encontrar os amigos e não para aprender e estudar”.

Para os pais, os métodos atuais utilizados na escola são os livrinhos do estado de São Paulo e os livros didáticos que são individuais. Mas todos afirmam que o método que mais chama atenção de seus filhos é a sala de informática. Porém, é pouco utilizada pelos

professores e alunos, devido ao grande número de alunos, a pequena quantidade de computadores que funcionam.

No questionamento sobre as formas de avaliações, afirma-se que servem para demonstrar ao professor se o aluno está no caminho certo, sendo as mais conhecidas pelos pais são as “provas” escritas e orais. Sendo uma forma de mostrar aos pais que a escola se preocupa com o desenvolvimento e mostrar ao aluno a importância do conhecimento. Mas para um pai, outra forma de avaliar é através do comportamento. Ele acredita que estas formas não atendem às necessidades atuais e de todos alunos, dizendo [...] existem alunos que tem alguma dificuldade e não deveriam ser avaliados desta maneira”.

Os cinco pais apontam as mesmas características mais marcantes: os jovens e as crianças, nos dias atuais, buscam aprender coisas novas, devido à sua inquietação, procuram conhecimentos, de acordo com a sua necessidade e o que será útil para a sua vida profissional e familiar.

Em uma das respostas dos pais, foi possível entender que este acredita que a educação da criança deve ser iniciada em casa, que é muito importante a maneira e o ambiente em que o indivíduo é formado. Fica mais claro ainda quando este pai afirma que “A criança ou o jovem que tem amor e estrutura familiar vai se tornar com certeza um adulto de sucesso”.

Para outro pai, enfatiza que os jovens e as crianças atualmente têm mais facilidade para obter as coisas, diferente de antigamente em que os estudos eram somente para elite, a tecnologia era pouca desenvolvida.

No ponto de vista dos pais, não houve muita diferença na passagem do 5º ano para o 6º ano de seus filhos. Que seus filhos ficaram empolgados com a quantidade de professores nesta nova etapa, porém achou difícil de assimilarem os horários de aulas. Porém acreditam que seus filhos não tiveram tanta dificuldade de se adaptarem a esta etapa.

Para os pais, a recepção feita pelos diretores e professores das escolas foi boa, foi feita uma pequena “reunião” com os pais e alunos, falando sobre algumas regras do código disciplinar, conforme o regimento interno de cada escola. Mas uma coisa que não ficou clara para os pais ficaram em dúvida quanto ao aprendizado que não foi muito bem explicado durante esta “conversa”.

4.3 Educadores e Escolas

Os cinco educadores responderam a uma questão que trata dos conhecimentos trazidos pelos estudantes para a escola. A indagação principal foi sobre a reação destes professores enquanto educadores.

Apesar das respostas divergirem em alguns pontos específicos, a ideia principal foi a mesma, a de que os estudantes trazem o conhecimento de mundo deles, o que viveram. Tal ideia pode ser reforçada através da resposta de um dos professores: "Geralmente os alunos trazem consigo experiência vividas, em seu cotidiano". Porém, também é possível ver que pelo menos três dos educadores entrevistados não acreditam que esse conhecimento seja sempre proveitoso e acreditam haver a necessidade de trabalhar o conteúdo isso que os alunos trazem consigo. Na resposta de outro professor, essa ideia fica explícita quando o mesmo diz que sua reação enquanto educador "[...] é de tentar aprimorar esses conhecimentos".

Em seguida, responderam quanto ao fato das escolas oferecerem ou não condições favoráveis para que os professores possam trabalhar com métodos contemporâneos de ensino. Nesse ponto, as respostas negarem essas condições favoráveis. Um dos entrevistados, por exemplo, que além de não terem, as poucas que têm "alguma condição que possa colaborar com o ensino, os mantém reservados".

Em contraposição às ideias expostas pelos outros professores, um dos educadores respondeu que acredita que sim, "mas muitos educadores não sabem se portar com tantos métodos alternativos para promoção de conhecimento". O que nos remete à ideia de que, mesmo que existam essas condições, não adianta em casos que os educadores não estejam prontos para aproveitá-las.

Os educadores também foram questionados sobre a transição dos alunos do 5º ano para o 6º ano e o que puderam sentir desses alunos.

O despreparo deles foi um dos pontos mais citados pelos educadores. Um destes afirmou que "os alunos não estão vindo prontos para serem lapidados [...]" Todavia, não somente o despreparo dos alunos foi comentado, outro aspecto que obteve muita ênfase dos educadores foi o psicológico. Além da mudança no número de professores, nas palavras de um dos entrevistados, "a maioria dos alunos se demonstra tímida e introvertidas, creio que seja pela mudança de ambiente e por não saberem o que os aguarda".

O assunto perguntado, na sequência, continuou sendo o da transição de uma série para a outra, porém, desta vez, sobre o que o educador pensa sobre essa fase de mudança e se o mesmo indica algum método ou tem alguma sugestão de como facilitar essa recepção dos estudantes. Houve unanimidade quanto ao fator do novo. Uma resposta muito corriqueira

foi a de que os estudantes chegam assustados quanto às novas disciplinas e ao número de professores e que precisam de tempo para adaptação. Os educadores, entretanto, não propuseram muitas soluções para esse problema da adaptação, exceto pela resposta de um que indicou um método em que o professor dos quartos e quintos anos poderiam já lecionar, utilizando a divisão de conteúdos que passa a entrar em vigor a partir do sexto ano e também sugere seguir o exemplo de escolas que “na fase final do quinto ano visitam suas escolas-destino com os alunos e recebidos pelos professores vindouros do sexto ano, com explicação do que irá acontecer no próximo ano”. Dessa maneira, seria possível minimizar a surpresa dos estudantes quanto aos conteúdos ao número de professores e os auxiliar no contexto que irão se inserir.

Perguntados, então, sobre quais as diferenças que podem ser observadas na escola das gerações passadas para a atual, quatro dos entrevistados citou o advento da tecnologia, que na opinião geral, veio para acrescentar, com exceção de tecnologias pessoais possuídas por estudantes, como celulares, *tablets* etc, as quais atrapalham a aula, tirando o foco dos alunos.

Esses educadores citam os métodos que passaram a existir devido ao uso da tecnologia e, com alunos mais atualizados no que ocorre em todo o mundo, devido à velocidade em que as informações transitam atualmente, fica mais fácil ensinar. É interessante observar que alguns professores concordam no ponto em que, na atualidade, é improvável que um aluno saia de sala de aula com muitas dúvidas, pois, como um dos professores respondeu, mesmo que o educador não saiba a resposta, “a facilidade para obtê-la é diferente daquela de gerações anteriores. Pode-se conseguir uma informação específica a qualquer momento e lugar”.

A última pergunta do questionário entregue aos professores tratou das características marcantes dos jovens e crianças atuais, algumas já respondidas anteriormente ao tratarem da mudança das gerações na escola, outras, entretanto, foram tratadas com muita importância pelos entrevistados. O fator mais citado, além da interação com a informação que os jovens têm atualmente, foi o desrespeito pelas regras. Dos entrevistados, um entrevistado definiu como “uma falsa anarquia criada pela noção de liberdade”, enquanto outros simplesmente culpavam a mídia atual, que, nas palavras de um dos professores “insere ideias de caos e descaso com a autoridade em geral”. Independentemente dos motivos foi unânime a reclamação em relação ao comportamento e respeito às regras.

Uma última característica muito tratada pelos entrevistados foi a da dependência da tecnologia, que apesar de adicionar informações em certos momentos, limita

em outros. De acordo com os educadores, esses alunos, muitas vezes, não conseguem desenvolver algo sem o uso de seus aparelhos eletrônicos e da *internet* e um deles acrescenta ao dizer que “deveria ser trabalhado pelos professores o discernimento para que os alunos saibam quando devem e quando não devem utilizar seus celulares e aparelhos”.

Podemos, portanto, observar, através das respostas dos diversos professores, que a passagem do Ciclo I para o Ciclo II do Ensino Fundamental tem seus fatores de dificuldade. Porém, com uma escola bem preparada dentro dos fatores tecnológicos e ideológicos que envolvem a atual geração, facilita o acesso e cria métodos para otimizarem a educação desses estudantes.

Considerações finais

O intuito principal deste trabalho é mostrar quão importante é a transição que existe e é feita por alunos que deixam o ensino fundamental ciclo I e iniciam nova experiência escolar no ciclo II e como isso pode afetar o ensino. Além disso, demonstrar como educadores e escolas devem ser cuidadosos em relação a essa transição e quais meios podem e devem ser utilizados para facilitar a transição.

Ao final de nossa análise, verificamos a relevância da passagem dos jovens do Ensino Fundamental ciclo I para o ciclo II, um fato que muitas vezes é negligenciado e banalizado seja pelos educadores, pelos pais, e até pelos estudantes. E portanto, deve receber maior atenção, levando-se em consideração a autonomia da escola, dos educadores e também dos estudantes e a compreensão de que a *geração y* traz consigo uma bagagem que difere das demais gerações até o momento, o advento da tecnologia.

Com o avanço de nossa pesquisa, observamos que, para isso, a tecnologia deve estar presente na sala de aula tanto quanto os livros, pois, os *pequenos y's* já nascem conectados e querem que a escola seja tão interessante como seus *blogs* e redes sociais. Portanto, a escola deve contextualizar o ensino e trazer para si o que a tecnologia coloca a seu favor. O educador deve ser autônomo e saber o utilizar o método necessário para despertar a autonomia do aluno e fazer dele um ser que tem vontade de pensar por si mesmo.

Finalmente, entendemos que o processo de mudança de ciclos, pelo qual passam os estudantes que deixam o ciclo I e partem para o ciclo II, inicia uma nova etapa que marca novos desafios para esses estudantes e que, à medida em que a tecnologia evolui e se modifica, novas gerações surgirão, e o educador, por sua vez tem a missão de despertar a

autonomia em si e de buscar sempre com que esta se manifeste também em seus estudantes, o que abre espaço para novas pesquisas e novas considerações sobre este tema.

Referências

AZANHA, José Mário Pires. *Centro de Referências em Educação Mário Covas*. Disponível em: < http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/constr_prop_p018-024_c.pdf > Acesso em: 05 ago 2012.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá; MITRULIS, Eleny. *Scielo*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200003 > Acesso em: 12 ago 2012.

CARELLI, Gabriela. A geração coisa nenhuma. *Revista Veja*, n. 2267, p. 104- 109, 2 de maio de 2012.

CALIXTO, Fabiano. *Administradores*. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/como-educar-a-geracao-y/46157/>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 143 p.

_____. Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf > Acesso em: 15 maio 2012.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. (Org.). *Autonomia a escola: princípios e propostas*. São Paulo: Cortez, 1997. 166p.

MELLO, Guiomar Namó de; SILVA, Rose N. da. *Scielo*. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n12/v5n12a04.pdf> > Acesso em: 15 ago 2012.

OLIVEIRA, Sidnei. *Jovens para sempre: como entender os conflitos de gerações*. São Paulo: Intregare, 2012, 127 p.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: dos terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

PERRENOUD, Philippe. *10 novas competências para ensinar*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000. 179 p.

SANTOS, Wilson da Silva. *Espaço Acadêmico*. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/081/81santos.htm>> Acesso em: 10 ago 2012.

SERRANO, Daniel Portillo. *Portal do Marketing*. Disponível em: <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos3/Geracao_Y.htm > Acesso em: 12 ago. 2012.

SILVA, Jair Militão da. *A autonomia da escola pública*. 3. ed. São Paulo: Papirus, 1998. 138 p.

APÊNDICE A

Questionários- Estudantes do 6º ano

1) Qual a importância da escola para você?

2) Como foi a passagem da 4ª série (5º ano) para a 5ª série (6ºano), o que vocês sentiram? O que foi bom e o que não foi? Descreva

3) Como foi recepcionado?

4) O modo de ensino das escolas e dos educadores atendem à sua expectativa?

APÊNDICE B

Questionários- Pais

1) Qual o significado da escola para o seu filho?

2) Quais os métodos de ensino atuais? Você os conhece? O que você acha que é atual e que chama a atenção dos seus filhos?

3) Quais as formas de avaliação que você conhece? Você acha que são condizentes com as necessidades atuais?

4) Quais as características mais marcantes dos jovens e crianças atuais?

5) Como foi a passagem da 4ª série (5º ano) para a 5ª série (6ºano) no caso do seu filho? Descreva o que foi bom e o que não foi bom?

APÊNDICE C

Questionários- Educadores

1) Quais os tipos de conhecimentos que os estudantes trazem para a escola? Qual a sua reação como educador?

2) A escola atualmente oferece condições favoráveis para o educador trabalhar com os métodos de ensino contemporâneos ?

3) Como foi a passagem da 4ª série (5º ano) para a 5ª série (6ºano), o que vocês sentiram dos alunos?

4) O que você pensa sobre esta fase? Tem alguma sugestão para a recepção dos estudantes?

5) Quais são as principais mudanças ocorridas na escola das gerações passadas para esta?

6) Quais as características mais marcantes dos jovens e crianças atuais?